

**Da eterna queda dos insetos
*grafias, ou formigas, na Galiza (do capitalismo) terminal***

Corunha, agosto de 2021.

O tempo luta contra a memória

(Teresa Moure, *A tribo que conserva o lume*)

Triste metáfora a das letras como formigas disciplinadas, disciplinantes. Não penso ser original e repetirei, mais uma vez, o que já foi mil vezes escrito. Não deveríamos falar nem em sociolinguística, nem em glotopolítica, nem sequer em filologia ou em linguística. Já não faz sentido. De facto, nunca fez sentido. Neste laboratório privilegiado para a democrática planificação de incruentos extermínios de culturas (com a língua como estandarte mais visível) em que o Reino de Espanha tem convertido a Galiza - o nosso país ainda, e sempre, "a la gallega" (Beatriz Busto Miramontes dixit) -, deveríamos falar é em entomologia. Não estou a brincar. Já não brinco. Perdi mesmo o sentido do humor. Porque, estritamente, não somos mais do que isso. E nunca fomos outra cousa. Insetos bem alimentados sob uma lupa que, às vezes, parece controlada por um demiurgo implacável, inteligente e organizado, coerente e cruel, mas que, às vezes, se afigura simplesmente como um simples brinquedo nas mãos de um menino brincalhão, inconstante, superficial e insultantemente idiota. E, por isso, muito mais cruel. Entre a erudita e impiedosa perfeição de velhos estadistas e a torpeza infinita de jovens sem pudor nem vergonha, produtos do capitalismo terminal, mestres de universidades privadas ou colocados em universidades públicas para garantirem votos nos conselhos de departamento, nós, os insetos, opulentos e excessivos, somos observados, dissecados, convenientemente esquartejados, enquanto consumimos as nossas vidas em debates menores, vendo como se eleva aos céus a miragem de uma cultura ferreamente fiscalizada pelos poderes terreaux do Reino. Uma cultura, como as nossas vidas, em suspensão controlada. Tão mundano tudo. Tão humano. É, claro, uma cultura com orçamentos (e não apenas os monetários) limitados e, sobretudo, com data de validade. Com fronteiras de fortes alfândegas e com impudicos alfandegueiros. Os prémios bem distribuídos, as críticas sempre elogiosas para as disciplinadas formigas disciplinantes. Nunca foi publicado um mau livro. Louvado seja o Senhor da Santa Grafia. Quando tudo fica reduzido ao brilho fugaz de uma fotografia nas redes sociais e a uma resenha (sempre a mesma) que glorifica a mais absoluta mediocridade, não há lugar já para compreender a brutal dimensão das pequenas tragédias dos insetos. Eu, como inseto burguês, opulento e excessivo, há muito tempo que deixei de estar interessado no valor indéxico das grafias, na manipulação das palavras ou na construção de discursos que tentam dotar de base científica o que é pura e

simples ideologia, o que é poder, o que é luta à morte pela sobrevivência material na esfera cultural do capitalismo terminal, por ocupar um gabinete universitário, por construir uma capela privada, por publicar mais um livro, por engrossar esse pequeno ego infinito. Tudo mais ou menos tolerável para os meus padrões éticos ou para as minhas algibeiras mentais, mas apenas ideologia, poder, sobrevivência. Nada novo, apenas humanidade.

Agora, como sempre devia ter sido, importa é a vida das pessoas, das vítimas e dos seus intelectuais carrascos. Há momentos aqui que poderiam ocupar um espaço na borgiana história universal da infâmia. Infâmias menores, talvez. Mas infâmias. E é por isso que devo reconhecer que o único que ainda não sei suportar e afastar da minha visão periférica é a pretensão falaciosa, nauseabunda com certeza, da cientificidade como sustento do "discurso da verdade". Como, por exemplo, a que nos últimos tempos nos tem apresentado um nacionalista radical português, com uma visão caduca e reacionária do que são as línguas em sociedade, temeroso ele, coitado, de as galegas poderem deturpar a sua sacra língua. Falo, evidentemente, do Fernando Venâncio, de quem o mais amável que se pode dizer é que é um completo desconhecedor da realidade sociolinguística galega (mas não da realidade glotopolítica, claro). Ele é construtor de um agressivo e altaneiro discurso que assenta em mitos linguísticos e mistificações ideológicas, e, nomeadamente, em escandalosas falsidades que deveriam fazer ruborizar o maior e melhor dos descarados. Tão humano e compreensível o ódio e o desprezo que supuram as suas palavras. Que tal aprendiz de fátuo entomologista acabasse confortavelmente localizado no lado do poder institucional não nos pode surpreender. Sempre é assim. Afastem-se dos fracos se querem medrar. Releiam, por exemplo, os artigos de Coseriu sobre a questão galega (o incompleto para reintegracionistas e o completo para o Reino). Ah, quem puder comer em todas as mesas e ficar puro... Investiguem os currículos universitários, as dinâmicas dos grupos poéticos, os perversos jogos editoriais. A desfaçatez de quem possui a segurança de ter um Estado por detrás a humilhar aqueles que sabe mais fracos. Lembro episódios universitários, lembro as palavras que recebeu algum poeta: tu o que deves é aprender a censurar. Lembro a minha própria história apesar de o tempo lutar encarniçadamente contra a minha memória. A gente de Estado sempre se entenderá com a gente de Estado. Que podíamos oferecer nós, insetos reintegracionistas, burgueses, bem alimentados, afogados em bibliotecas e em debates bizantinos, mas, com certeza, fora, bem fora dos círculos de poder institucional, comestos pelo ressentimento pelas humilhações sofridas. Nós, que só podemos oferecer laicas e simbólicas prebendas e, talvez, um bocadinho desse amor tão idiota que se gera nas margens das margens. O único que me importa são já as pequenas histórias das ocidentais vítimas deste conflito. Aqui o tamanho do bandulho não é sinal de nada. As tragédias do primeiro mundo funcionam de outra forma. Eu vi vidas quebrarem-se. Finalmente, tudo fica reduzido ao que Xaquín Marín sintetizou num famoso quadrinho que agora muitos nem entenderiam: "Matade ese Rushdie, é lusista".

Disparem contra o discrepante, embora seja fraco, pacífico e escasso em número. Disparem, que não se erga, que não suje o nosso celestial paraíso. Disparem. Saco de pancada, cantou Gabriel O Pensador. Nós, classe dominante e, mesmo assim, saco de pancada. Bourdieu, por outras palavras.

Do outro lado, podemos mesmo surpreender-nos com serôdias viragens de rumo. No âmbito apenas do simbólico, mas com certo valor significativo. Dentre essas surpresas, destacarei uma que nunca poderia ter esperado. Alfredo Conde, lembrem, chegou a pedir que o reintegracionismo fosse perseguido por via criminal. Décadas depois, reconhece finalmente que a estratégia normativa foi um erro, que deviam ter sido explorados outros roteiros. Esses que outros definiram há quase cinco décadas, colocando em risco o seu currículo vital. Sofrendo as consequências. Conde reconhece o erro com o cadáver ainda quente, mas inexoravelmente cadáver. Os erros são reconhecidos sempre demasiado tarde. Sempre. Embora o cadáver ainda esteja quente.

As letras são ideologia. Esta nossa questão da língua não trata da verdade. Trata de verdades. E do Poder que as define. Lewis Carroll e o ovo tagarela, já sabem, com certeza. O reintegracionismo é ideologia cultural e linguística. O isolacionismo é ideologia cultural e linguística. Ambos os campos são heterogêneos quanto às ideologias políticas. Muito heterogêneos, não se deixem enganar por comuns insídias. Porém, o segundo tem o apoio do Reino. O primeiro, não. E já não deveríamos dizer mais nada. Isso é suficiente. Explica tudo. Num mundo paralelo, poderia ter sido o contrário. Mas continuaria a ser o mesmo. Podemos perder o tempo em tentar explicar o significado de novos fragmentos de ideologia surgidos nos últimos anos para completar, ou complementar, o escrito neste livro noutra vida que já não existe. Porém, para quê? Apartheid? Sim, mas relativizemos, sempre. Binormativismo? Dous não falam se um não quer. Ou, antes, um fala e outro faz como que está a escutar. Mas não vêes que te estou a ouvir? Dota-me de legitimidade e espera sentado. Apaga a memória, apaga as ofensas, apaga a censura. Esquece os cadáveres. Nova miragem para ocultar a progressão do desastre. Um beco sujo que aparenta brilhar. Lusofonia? Mas ainda não compreenderam o que são os Estados e que é entre eles que se entendem? Formigueiros gigantescos de uniformização e exclusão. Podem reconhecer simbolicamente um pequeno enxame de abelhas. Mas o interlocutor válido sempre será a vespa velutina.

É esta a nossa uma limpa guerra de extermínio bem assumida pela população a aniquilar culturalmente. Morremos "a la gallega", fazendo as beiras a quem nos mata culturalmente. Demonstrando assim como o mito que criaram sobre nós acabou por assentar firmemente na nossa história. Essa guerra começou há séculos, mas, como bem sabemos, os mecanismos aperfeiçoaram-se extraordinariamente com a escolarização maciça e os meios de comunicação globais, os dous grandes agentes nacionalizadores, as duas principais máquinas de guerra simbólica dos nacionalismos dominantes. Não têm pressa nenhuma. Sabem que o final é inevitável. Sabemo-lo também os insetos que mantemos

(ou achamos manter) ainda um certo nível de consciência sobre o avanço da planificada extinção. As nossas formigas reúnem-se e apetrecham pequenos formigueiros onde conservar o nosso ancestral lume, as nossas letras, os nossos sotaques que já não são nossos. Constroem refúgios as nossas formigas e ainda devem suportar os ataques de outros insetos que confundem público com estatal, esquecendo mesmo que, aqui, o público e o estatal são o mesmo: o Reino e o seu brutal e primitivo supremacismo. Suspeitei sempre que esses insetos, desejosos de um Estado que nunca terão, ainda não compreenderam a dimensão do Reino, desse furibundo e corrupto aparelho totalitário de destruição. Coitados.

Continuar a sonhar, sabendo que se sonha, escreveu, aproximadamente, Nietzsche. Nunca encontrei melhor descrição do nosso sonho grupal, da nossa tragédia. De tantas outras tragédias grupais, suspeito. Há gente feliz enquanto sonha ou parece sonhar, mesmo aprende a tirar proveitos e ainda capitais diversos. Sabemos que, quando o fundamental está sobejamente preenchido, há capitais muito mais importantes do que o monetário. Continuar a sonhar. Desculpem-me, acordei e já não sei sonhar. Nem sequer sei dormir. Aspiro apenas a compreender algum dia os mecanismos mentais da alienação. E sei que isso não ocorrerá. Só espero que o tempo quebre por fim as minhas lembranças para esquecer as pequenas tragédias, para afastar tanta miséria acumulada por detrás dos meus olhos, para que nenhum insidioso entomologista volte a sujar a memória dos insetos que caíram nesta guerra ideológica. O nosso lume extingue-se. Extingamo-lo com dignidade. Até quando você vai ficar de saco de pancada?